

## FÓRUM DO AMANHÃ, EM TIRADENTES

*Apolo Heringer Lisboa*

Este comentário tomou forma, numa abordagem bem direta e sem rodeios, ainda no calor emocional da participação no evento, realizado em Tiradentes/MG, entre 24 e 27 de novembro de 2016.

Eu o vi de duas formas, uma inicial, e outra, ao final. Cheguei a Tiradentes com uma visão panorâmica da proposta, que me entusiasmou, convidado pelo prefeito Ralph Justino a falar sobre meio ambiente, no âmbito de um mundo a ser sonhado, mas não participei dos bastidores nem da sua organização. Fui tomando consciência da riqueza do evento, da capacidade dos convidados, à medida que ele acontecia. Fui percebendo as prioridades e o perfil da equipe que foi a Tiradentes cuidando da condução do evento. O evento se desdobrou em alguns pontos da cidade, mas, por razão logística, me concentrei na Pousada Brisa da Serra, que sediou parte do evento que aqui abordo.

A primeira noite, inesquecível, teve a abertura com as falas magistras do simpático e inteligente Domenico De Masi, sociólogo italiano, autor de *O Ócio Criativo* e do economista e filósofo, Eduardo Giannetti, formulador de um projeto econômico para o Brasil, que Domenico De Masi classificou como neo-liberal, enquanto se assumia como neo-marxista o que provocou risos amigáveis entre os dois e no auditório. Ambos protagonizaram um deslumbrante cenário para o deleite de intelectuais e militantes sociais, num Brasil muito carente deste tipo de prosa.

Meu coração e espírito abertos me produziram a sensação prazerosa de sonhar uma Atenas no século XXI, no cenário colonial esplendoroso desta coreográfica e simbólica cidade histórica de Minas Gerais. Tiradentes tem tudo para ser uma Ágora, decidindo em assembleia o caminho brasileiro e do mundo. Excelente ideia essa do Fórum do Amanhã, parabéns prefeito Ralph Justino, por ela. Agradeço-lhe pelo convite e pelo seu contagiante entusiasmo e alegria. O otimismo faz parte da equação.

No segundo dia, o encantamento continuou, excelentes mesas, depoimentos sobre experiências animadoras de inovação, com foco em questões urbanas em São Paulo, que detinha o maior contingente de convidados. Exposições sobre gênero, inclusão social, propostas

buscando dar forma aos sonhos de um Brasil protagonista no mundo, confiante em seu potencial papel transformador, que seria possibilitado por sua composição social miscigenada e alegria de viver. Parecia ressuscitado o Mito do Bom Selvagem. Lembrava o entusiasmo dos cientistas, artistas e intelectuais europeus que se referiam ao Brasil e ao continente como o Novo Mundo nos idos do século XVI, XVII, XVIII.

No dia 26, penúltimo do evento, prevaleceu o direcionamento pragmático na lógica de fechamento do evento, com a natural contradição entre sonho e realidade. Uma contradição análoga a existente entre os conceitos de Pólis e Haste, símbolo e concretude, na brilhante exposição de Antonio Risério, na mesa O futuro das Cidades. Foi somente neste último dia, no ambiente de condução explicitado de fechamento, que me saltou à vista, mais integralmente, que há visões-de-mundo a serem melhor cuidadas, daqui ao próximo evento. Esta constatação, significou para mim, um crescimento.

Por exemplo, a concentração urbana exponencial da população e da renda, não permite concluir, taxativamente, que a solução das questões urbanas seja a solução para os problemas do mundo. Nem que o caminho seja priorizar estratégias de “acupunturas urbanas”, em detrimento de intervenções macro e sistêmicas no conjunto do território, acreditando que mudando minha casa, meus vizinhos e minha rua, mudo o bairro, a cidade, o Brasil e o Mundo. As cidades são sustentadas pela produção de alimentos no campo, os rios correm no campo, aí está a maior parte dos ecossistemas e do solo. A cidade dá a sensação equivocada de auto-suficiência. Tomemos o exemplo de São Paulo, a maior cidade brasileira, fazendo uma caricatura: se mudar o seu centro, se mudar a avenida Paulista, acabaria mudando toda a cidade de São Paulo e assim o Brasil. Não é possível simplificar as questões de classe, de mentalidade, de sensibilidade, os *habitus* - na concepção de Bourdieu - da população que migrou para esta megalópole, que traz junto a sua história. São concepções-de-mundo e sobretudo, visões-de-mundo, são expectativas bem diferentes. Toda simplificação acaba levando a decisões equivocadas. Não se consegue chegar a soluções sistêmicas separando os problemas, sobretudo, com soluções isoladas do conjunto de temas e seus diferentes níveis de abordagem. A grande questão política, sem excluir as minorias do seu protagonismo, é ter um projeto convergente para a maioria, pelo

menos por um certo tempo, que dê estabilidade à vida social, pois a todo momento surgem diferenças e limites na expansão da representação dos diversos interesses. Aliás, aí está a origem da dualidade Deus e o Diabo, ela nasceu de conflitos no contexto da história da representação dos poderes.

O sonho do Brasil profundo, emergindo como esperança mestiça, de tolerância, afeto e sabedoria, capaz de ser alternativa política e cultural para o mundo contemporâneo, foi a matriz do Fórum, num contexto brasileiro e internacional de intolerância, racismo, discriminatório com relação às minorias alternativas e maiorias oprimidas. Estes sentimentos brotaram no evento, em diversos momentos, renascendo o mito iluminista *rousseauniano* do Bom Selvagem, enterrado pelo colonialismo mas cujas raízes poderiam brotar de novo, realizando o destino manifesto do “humanismo” latente na história natural. Houve generosas referências às utopias e ao humanismo. Isto reflete a busca de soluções, mas que soluções? Ainda não sabemos quais, nem como chegar nelas. O humanismo pode não passar de quimera antropocêntrica, de corporativismo de uma espécie, que se arroga superior por deter o universo cultural, embora, se excluída das demais formas de vida, não sobrevive. Este dilema do *Homo sapiens* permite chegar ao paradoxo de parecer mais lógico o caminho oposto, ou seja, da desumanização do planeta. Priorizar a sobrevivência da Terra é um raciocínio para a reflexão sobre o tamanho da mudança cultural necessária, se desejarmos que sobreviva a riqueza da criação histórica.

O Brasil integra um cenário global de intensos confrontos sociais, políticos e culturais exacerbados diante do rolo compressor do poder das grandes corporações e do capital financeiro, controlados por aproximadamente 100 pessoas, num universo de 7 bilhões. Este sistema é capaz de confrontar o poder de estado de poderosas nações e dispõe de marcos legais internacionais acima dos estados nacionais. Nesta conjuntura, até as utopias e discursos humanistas passam por estes filtros. Há razões de sobrevivência de iniciativas individuais empresariais e financiamentos de para-governamentais ou não-governamentais. Esta adaptação dos “sonhos” aos espaços permitidos, é evidente. Produz o auto-controle lógico dos “sonhos”. Pode ser a rendição camuflada da liberdade de pensamento e ação do neo-iluminismo humanista.

A crise mundial do sistema expõe suas fraturas, e nestas, como em *habitats*, se acomodam novas teorias. Por exemplo, a do desenvolvimento sustentável assentado na equação do carbono. Esta proposta foi lançada por Al Gore, liderança do Partido Democrata e divulgada por campanha midiática, cobertura científica e o prêmio Nobel. O objetivo, a meu ver, seria construir a ideologia e a legitimação do poder supranacional das corporações, diante da questão maior do esgarçamento social mundial (vide desorganização institucional do mundo árabe-muçulmano e as migrações do Oriente Médio e África) e, noutra patamar, ao equivalente esgarçamento dos ecossistemas mundiais, que suportam a vida na Terra.

Neste sentido, buscam:

1. Organizar e legitimar o poder supranacional, das corporações e do sistema financeiro, numa ordem internacional estabilizada e hegemônica pela Organização das Nações Unidas (ONU), seu braço político, e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), seu braço militar, constituídos na composição majoritária desses organismos.

2. Propor uma lógica ambiental compatível com esse sistema concentrador de renda e destrutivista dos ecossistemas, que está em confronto aberto com a Ecologia, com a Biodiversidade dos ecossistemas, como denominada Economia Verde, centrada em questões climáticas e não em questões do modo de produção e consumo e no seu reflexo na água dos rios e oceanos.

Essas duas questões são essenciais à legitimação do sistema mundial das corporações hard e do mercado financeiro. Nesta eventualidade, teríamos não mais o Bom Selvagem, dos sonhos utópicos. Este foi enterrado numa vala comum, pela história da colonização da América Latina. Ele, que poderia ter ensinado o mundo a bailar e a se abraçar. Teremos agora o Escravo Feliz desenraizado da Natureza, que paga impostos e juros aos senhores do mundo? Temos aqui no Brasil a mola do sistema, a Dívida Pública, interna e externa. É a política dos bancos. Ela resume a sangria do trabalho e da riqueza natural nestas latitudes. Ela equivale a uma dívida de guerra ou o direito estrangeiro de cobrar impostos nos territórios conquistados. Estas questões deveriam ser pautadas para o próximo Fórum, como essenciais.

Tiradentes, 27 de Novembro de 2016